

Roan Matthaeus Chimello Dias

**Alienação e pobreza nos Manuscritos econômico-filosóficos de Marx**

Projeto de pesquisa apresentado ao programa de  
Mestrado em Filosofia da UNESP - Faculdade de  
Filosofia e Ciências - Câmpus de Marília - dentro  
da linha de pesquisa “Conhecimento, Ética e  
Política”

Marília

2024

## Resumo

Esta pesquisa objetiva analisar as categorias de *alienação* e *pobreza* na obra dos *Manuscritos econômico-filosóficos* de Marx, ressaltar a relação de ambas e buscando verificar a possibilidade de identificação de uma enquanto dimensão da outra. Para isso, serão investigados os cadernos do escrito, em especial determinados capítulos, e obras específicas de Fanon, Haber, Jaeggi e Mészáros com o intuito de expandir a compreensão destas formulações marxianas e reconhecer como são apropriadas por outras correntes ou pensamentos. A investigação passará pelas considerações das quatro formas de alienação descritas por Marx, seu desenvolvimento interno na obra e como se relacionam com proposições acerca da produção, particularmente considerando a *pobreza*, para seguir com estas análises complementares, que possibilitarão uma retomada do texto marxiano, de forma a responder a pergunta chave que orienta a linha de pesquisa: “a alienação, considerada a partir da noção de perda, pode ser concebida como uma dimensão da pobreza? Se sim, em quais sentidos? Se não, em quais sentidos?”.

Palavras-chave: alienação; pobreza; Marx; Manuscritos econômico-filosóficos.

## Introdução

Este projeto se insere dentro de um eixo programático geral de pesquisa que visa responder à pergunta: “quais os contornos mais comuns presentes nas formulações teóricas sobre a pobreza?” Especificamente este plano dentro do eixo 1 tem como objetivo o pensamento se “a alienação, considerada a partir da noção de perda, pode ser concebida como uma dimensão da pobreza? Se sim, em quais sentidos? Se não, em quais sentidos?”. Como fundamento desta elaboração, a obra *Manuscritos econômico-filosóficos*, de Marx, apresentará as categorias gerais com as quais serão investigadas as temáticas das relações entre *pobreza* e *alienação*. Neste sentido, as tematizações sobre a *falta de acesso*, *perda* e *opressão* serão analisadas com intuito de ajudar a compreender o problema central. Haber, Jaeggi, Fanon e Mészáros, especificamente com as obras posteriormente elencadas, serão presentes no estudo com o intuito de destacar aqueles elementos dos *Manuscritos* que podem ajudar a compreender o problema apresentado acima. Portanto, a investigação da pesquisa ocorrerá conforme se demonstra a atualidade ou não do escrito de Marx, evidenciando suas potencialidades e limitações.

Com o acesso a trabalhos como *Que faut-il reprocher aux manuscrits de 1844? e L'Aliénation* (de Haber); *Alienation* (Jaeggi), *Peles negras, máscaras brancas* e *Alienação e liberdade* (Fanon) e *A teoria da alienação de Marx* (Mészáros) serão pautados os “contornos comuns” nas formulações teóricas da *pobreza* e da *alienação* e como é recepcionado o pensamento marxista, particularmente do escrito aqui estudado, em diversas outras análises (de

autores marxistas ou não), de modo a revelar com mais intensidade a importância dos *Manuscritos* para as ciências humanas.

Afirmamos, pois, que as diretrizes da pesquisa serão: 1) Reconstruir os elementos mais importantes dos *Manuscritos*, em particular do Caderno I, que ajudam a compreender a noção de alienação (pensada como *perda*); 2) Mostrar como autores de diferentes tendências teóricas recuperam e interpretam este conceito tendo em vista a articulação com o problema da pobreza; 3) Desenvolvimento acerca da pergunta central da pesquisa; e 4) Desenvolvimentos dos objetivos específicos da pesquisa.

O primeiro tópico visa ressaltar as articulações presentes nos *Manuscritos* que permitem compreender a categoria da *alienação* como um complexo determinante na sociabilidade capitalista. Importância tal que adquire, na obra, um papel central no que tange a constituição dos mundos objetivo e subjetivo. Considerada ainda enquanto perda, busca-se mostrar como esta condição *negativa* gera consequências deteriorantes para a construção da relação homem-natureza, homem-atividade, homem-homem e homem-gênero, mesmo que condicione ações e pensamentos; ou seja, a *positivação* humana em sua atividade. Tal análise levará em consideração o questionamento trazido por Marx de “que significado tem, no desenvolvimento da humanidade, esta redução da maior parte dela ao trabalho abstrato?” (Marx, 2017a, p. 30); visto que a alienação somente será compreendida dentro do intercâmbio homem-natureza (processo estudado por Mészáros no capítulo III de *A teoria da alienação em Marx*) e “a economia nacional considera o trabalho abstratamente como uma coisa; o trabalho é uma mercadoria” (idem, p. 35). Desta forma, uma análise das principais características da *alienação* terá como elementos, por exemplo, o capital e seu ganho, a concorrência, propriedade privada e a venalidade da atividade e seu objeto. Marx sintetiza afirmando que

através do trabalho estranhado o homem engendra, portanto, não apenas sua relação com o objeto e o ato de produção enquanto homens que lhe são estranhos e inimigos; ele engendra também a relação na qual outros homens estão para a sua produção e o seu produto, e a relação na qual ele está para com estes outros homens. Assim como ele [engendra] a sua própria produção para a sua *desejetivação* (Entwirklichung), para o seu *castigo*, assim como [engendra] o seu próprio produto para a *perda*, um produto não pertencente a ele, ele engendra também o domínio de quem não produz sobre a produção e sobre o produto. Tal como estranha de si a sua própria atividade, ele apropria para o estranho (Fremde) a atividade não própria deste. (Marx, 2017a, p.87)

A concepção de que “a opressão humana inteira está envolvida na relação do trabalhador com a produção, e todas as relações de servidão são apenas modificações e consequências dessa relação” (Marx, 2017a, p. 89) apenas reforça esta atenção com a *alienação*. Considerando que em tal “produção” “a relação do trabalhador com o trabalho engendra a relação do capitalista com o trabalho” (Marx, 2017a, p. 87), vê-se que a *alienação* se expressa também com a

reprodução da *pobreza*. Evidenciar as relações entre estas categorias dentro dos *Manuscritos* será, pois, o objetivo principal desta pesquisa.

O segundo tópico objetiva exemplificar nos autores citados como as questões da *alienação* e da *pobreza* são vinculadas e de que maneira a obra dos *Manuscritos* é recepcionada em seus pensamentos, especificamente nas obras pautadas. Para isso, além da imediata referência conceitual da categoria da alienação ou ao trabalho de Marx, buscaremos expor como a *alienação* se insere nos trabalhos em análise enquanto uma chave de investigação da realidade em questão. Por isso, de um lado retomaremos as hipóteses de Jaeggi e os casos de Fanon para que sejam evidenciadas estas relações; e, do outro, a consideração da “conjuntura favorável” e “nova urgência histórica” auxiliarão na compreensão da importância desta categoria na construção do pensamento dos autores retomados. A evidenciação comentada das relações entre pobreza e alienação será, assim, enriquecida, visto que as dimensões destas categorias serão mostradas, possibilitando tomar a alienação em múltiplas acepções, suas dimensões e sentidos relacionados à pobreza e com isso os “contornos comuns” das concepções desta.

Chegaremos aos objetivos da pesquisa, sendo o geral que tratará das categorias da alienação e da pobreza tendo os pressupostos obtidos nas partes anteriores. Aqui a finalidade da pesquisa ganhará sua formulação maior, prenunciada nos primeiros tópicos ainda enquanto debate de fundamentos. A relação entre estas categorias aqui trabalhadas indicará aqueles “contornos comuns”, mas principalmente as descontinuidades destes pensamentos e o que tais divergências implicam na atuação frente a esta realidade. Como indicado, o objetivo principal é articular *pobreza* e *alienação*, a partir dos *Manuscritos*, com a intenção de responder a seguinte questão que é subsidiária da questão central que orienta esse eixo da pesquisa: “a alienação, considerada a partir da noção de perda, pode ser concebida como uma dimensão da pobreza? Se sim, em quais sentidos? Se não, em quais sentidos?” Portanto, busca reconhecer nesta obra de Marx indicações para uma compreensão dos fenômenos da *alienação* e da *pobreza* e suas interconexões, de modo a mostrar como que, nos *Manuscritos*, uma pode ser derivada da outra, como cada categoria se expressa quais suas limitações e potencialidades de investigação científica e, assim, qual a atualidade dos *Manuscritos*.

Por fim, e em continuidade ao objetivo central, a pesquisa seguirá com as discussões tidas como objetivos específicos, dentre os quais: a) Analisar os contornos da noção de alienação nos *Manuscritos*; b) Analisar os contornos da pobreza nos *Manuscritos* a partir dos seguintes trechos selecionados; c) Análise de autores de diferentes tradições teóricas que, nos últimos cinquenta anos, pensaram a alienação tendo Marx como um dos seus pontos de partida.

Vê-se, então, que o caminho traçado partirá e retornará ao Marx dos *Manuscritos*, visando não apenas compreender como tais categorias se relacionam dentro da obra, bem como de que maneira são apropriados por outros pensadores e o que isto implica e nos diz sobre a obra em pauta.

## **Justificativa**

A originalidade de Marx nos *Manuscritos* está na percepção do autor em reconhecer a centralidade da *alienação* para a compreensão do funcionamento da sociedade capitalista; ou seja, a *alienação* enquanto uma chave de análise de extrema importância para investigação dos processos sociais. Suas investigações o demonstraram que não bastaria apenas a crítica a uma forma especulativa de conhecimento sobre o mundo, a um conceito abstrato-passivo de gênero humano ou a manifestações em maior ou menor grau de imediatez do capitalismo. Foi necessário um estudo que propusesse não apenas indicar as fraquezas e nocividades destes elementos, mas que, positivamente, unificasse uma crítica a partir de uma categoria geral, pois na própria realidade o processo social se encerrava em uma unidade.

Diferentemente do que propõe Haber, para o qual “la décision marxienne de faire du thème de l’*Entfremdung* le fil conducteur de la critique du présent historique à travers une reprise critique du propos de l’économie politique est d’une originalité tranchante” (Haber, 2006, p. 58), o que será reforçado é o fato de que não se tratou de uma “decisão”, com grau de arbitrariedade tal que poderia haver outras opções, como lentes ou focos “sociológicos”, mas sim um reflexo científico de um movimento objetivamente determinado; ou seja, a *originalidade* dos *Manuscritos* se subscreve na medida em que captou os processos contínuos, essenciais, do objeto em estudo. Neste sentido, para além de “repose[r] sur une dialectique subtile entre nature et histoire qui vise à expliquer les *tendances régressives* de la modernité” (idem, grifos próprios) os *Manuscritos* mostram também as tendências progressistas presentes no interior desta sociabilidade e que possibilitam justamente a sobreposição daquelas regressivas. É através desta análise sobre o trabalho alienado, a divisão do trabalho e a propriedade privada que Marx poderá visualizar os momentos objetivos e subjetivos de reprodução da sociabilidade capitalista e das tensões que apontam para sua superação – em certo sentido, a análise de Marx ocorre de modo que “describes the ‘bourgeois economy’ in terms of a process of alienation” (Jaeggi, 2014, p. XXII), uma determinada relação que representa uma perda, mas insere e engendra processos próprios, como veremos. Portanto, “alienation is, in this sense, a concept of social philosophy par excellence” (idem).

A consideração de Mészáros que se inicia nos *Manuscritos* a formação de um *sistema* de pensamento pauta a abrangência que a investigação marxiana foi capaz de adquirir com as categorias de alienação-trabalho alienado. Este sistema possui um claro vetor para sua própria expansão, pois se propõe analisar tanto os “aspectos *históricos* quanto *sistemático-estruturais* da problemática da alienação em relação às complexidades duais da ‘vida real’ e seus ‘reflexos’ nas várias formas de pensamento” (Mészáros, 2016, p. 96). É neste sentido que se pode colocar que o “elemento irreduzível” (ibidem, p.27) se encontrará presente na “reificação capitalista das relações sociais de produção, da alienação do trabalho por meio das mediações reificadas de trabalho assalariado, propriedade privada e troca” (ibidem, p. 95). O estudo aqui posto visa, pois, explorar mais vertentes deste “elemento irreduzível”, em específico acerca da noção de *perda*, da *pobreza* e *falta de acesso* enquanto formas de *opressão*. Desta forma, a *pobreza* será compreendida dentro das relações de produção que geram e permitem tal *acesso* e *apropriação*. A alienação será, então, um movimento de obstrução; cabendo compreender se e em que medida uma será dimensão da pobreza.

Uma rápida pesquisa é capaz de mostrar que a problemática da *alienação* (também a *pobreza*) é presente há muito na história, implícita ou explicitamente. O próprio Mészáros realiza uma breve exposição sobre este tema em seu estudo sobre os *Manuscritos*, mas são nestes escritos que ela se torna, como dito, um eixo fundamental na compreensão da sociedade a partir de suas relações e bases materiais e objetivas de produção e reprodução – não mais como um “simples” processo subjetivo. Este “conceito da filosofia social por excelência” só o pode ser, portanto, pois é, enquanto conceito, a constituição da categoria social e objetivamente efetivada. A potência desta análise de Marx se revela, por exemplo, na disseminação dela e seus elementos em outras áreas ou teorias. Faz-se referência, que posteriormente será melhor abordada, sobre sua utilização nos escritos de Fanon (especialmente *Pele negras, máscaras brancas* e *Alienação e liberdade*), Jaeggi, Haber, Heidegger, Camus, Sartre e tantos outros.

Apesar de não constituir o essencial deste trabalho, apresentar breves comentários sobre outras abordagens que realizam leituras destas categorias direciona tanto para os “contornos comuns” anteriormente ressaltados quanto para os fundamentos de maior importância nos *Manuscritos*. Portanto, este “cenário favorável” ou “nova urgência histórica” que remetem Haber e Mészáros poderá mostrar ser o contexto de emergência de novas manifestações de um velho problema. A “crítica do presente histórico” e a demonstração das “tendências regressivas da modernidade” (idem) remetidas por Haber reforçam a centralidade desta chave de análise, cuja força revela que “através do trabalho estranhado o homem engendra, portanto, não apenas

sua relação com o objeto e o ato de produção enquanto homens que lhe são estranhos” (Marx, 2017a, p. 87).

O movimento basilar da alienação segue o processo em que a “efetivação do trabalho aparece (...) como *desefetivação* do trabalhador, a objetivação como *perda do objeto e servidão ao objeto*” (idem, p. 80). O que Marx visa explicitar é que no processo de atividade o homem, enquanto *efetiva* uma potência social, genérica, particularizada em sua individualidade, concentra em quatro vetores determinados um movimento de *desefetivação*. É nesta dinâmica em que apesar de o “trabalho [ser] o único meio pelo qual o homem aumenta o valor dos produtos da natureza (...) a divisão do trabalho eleva a força produtiva do trabalho, a riqueza e o aprimoramento da sociedade, [mas] ela empobrece o trabalhador” (idem, p. 29). Estas consequências ao trabalhador implicam em seu rebaixamento à atividade enquanto uma máquina (e concorrendo com estas); a fruição de seu tempo livre em suas necessidades mais básicas, naturais, *animais*; a redução do campo de desenvolvimento de seus sentidos; a *perda* e afastamento dos objetos socialmente produzidos (condicionado à vivência de um salário habitual, mas movido pela avareza pelo dinheiro) etc.

Tidos estes vetores da atividade humana nesta relação trabalho-alienação (a saber: i- a alienação do humano com a natureza; ii- a alienação do humano com sua atividade; iii- alienação do indivíduo com o gênero; e iv- alienação dos demais humanos), o que Marx possibilita a partir de seus *Manuscritos* é a capacidade investigativa da sociedade em diversos complexos. Não à toa, Mészáros realiza seu estudo sobre esta obra evidenciando os aspectos *econômicos, políticos, ontológico e morais e estéticos* da alienação. O que se pretenderá com esta pesquisa será delimitar as conexões destes aspectos com a pobreza e, se possível, em que medida poderá ser a pobreza compreendida como uma forma de alienação e vice-versa, apesar de serem fenômenos distintos.

Mészáros, acertadamente, pontua que “é nesses *Manuscritos* que, pela primeira vez, Marx explora sistematicamente as implicações de longo alcance de sua ideia sintetizadora – ‘a alienação do trabalho’ – em cada esfera da atividade humana” (Mészáros, 2016, p. 23). Assim, perpassa ao longo dos cadernos que compõem esta obra as interações da alienação ou do trabalho alienado com múltiplas esferas da objetividade e subjetividade humanas. Desde a constatação da divisão hostil entre capitalista e trabalhadores (“para o trabalhador a separação de capital, propriedade privada e trabalho é uma separação necessária, essencial e perniciosa” Marx, 2017a, p. 23) e como ocorrem as alianças e concorrências internas nestas classes ao

debate sobre o dinheiro, “vínculo de todos os *vínculos*” (Marx, 2017a, p. 159), “*alcoviteiro* entre a necessidade e o objeto, entre a vida e o meio de vida do homem” (idem, p. 157), a *ideia sintetizadora*, justamente enquanto elemento de *síntese*, se expressa direta ou indiretamente como o fundamento histórico de estruturação de uma série de complexos relacionais humanos.

É preciso salientar que, ao se tratar de *alienação*, nos referimos ainda a uma abstração. Isto porque o movimento geral carece ainda das determinações que a particularizarão para formas específicas de *alienação*. Para isso os casos de Fanon e Jaeggi serão fundamentais, pois possibilitam uma visualização mais detalhada do fenômeno da alienação. Mesmo que neste grau de abstração mais elevado, a *alienação* como *ideia sintetizadora* traça os parâmetros pelos quais tanto ela quanto a *pobreza* podem ser consideradas *experiências sociais negativas*. *Negativas* conquanto obstruem as vias de efetivação e objetivação do homem enquanto ser genérico. Para além do evidente significado condenador desta relação, o termo *negativo* possui um contexto mais intrínseco à própria atividade; pois significa também a inversão da relação “a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz de sua atividade, da sua essência, apenas um meio para sua *existência*” (Marx, 2017a, p. 85). Ou seja, um momento *positivo, afirmativo*, do caráter alienante desta atividade que engendrará em seguida uma constituição de personalidade, de uma relação indivíduo-gênero, indivíduo-natureza, homem-mulher, etc. Neste sentido, novamente, “a opressão humana inteira está envolvida na relação do trabalhador com a produção, e todas as relações de servidão são apenas modificações e consequências dessa relação” (idem, p. 89).

Ao tratar cada um dos vetores, Marx ainda mostra a extrema variedade interna de suas expressões; quando, por exemplo, trata da alienação com a atividade humana prática, comenta sobre “a relação do trabalhador com o *produto do trabalho*” e “a relação do trabalho com *ato da produção* no interior do *trabalho*” (Marx, 2017a, p. 83). Será investigando esta multiplicidade de significados que poderemos atestar pela atualidade ou não desta categoria como chave de análise. Importa ressaltar que não se tratam de vetores excludentes, mas há predominância de certos aspectos a depender dos casos em análise. Podemos observar os vetores deste processo alienante quando Marx analisa a constituição do homem enquanto mercadoria, da mais miserável, e que se destina à obediência, tal qual outras mercadorias, da lei geral dos preços. A *sobrevivência*, garantida pelo salário habitual é fruto da disputa entre trabalhadores e os capitalistas; ainda que seja proibida a união dos primeiros. Pela concorrência, em contrapartida, disputam pelo “direito de sofrer” (idem, p.35) ao mesmo tempo em que a indústria refina as carências. É possível, portanto, identificar os momentos nos processos



concretos. Neste sentido, os exemplos de Jaeggi poderão ser melhor interpretados e conferidos, bem como os escritos e casos trazidos por Fanon.

Especificamente tratando dos pontos trazidos por Marx, brevemente temos que a alienação do homem em relação à natureza diz respeito da *relação* do homem com o *produto* de seu trabalho, com o mundo sensível exterior, de modo que interfere na apropriação tanto do mundo natural quanto social, possibilitando a perda e afastamento em relação ao resultado da atividade e o advento de um não reconhecimento deste mundo e dos produtos/resultados da ação humana. É isto o que Marx formula quando traz que

o trabalhador nada pode criar sem a natureza, sem o mundo exterior sensível (sinnlich). Ela é a matéria na qual o seu trabalho se efetiva, na qual [o trabalho] é ativo, [e] a partir da qual e por meio da qual [o trabalho] produz. Mas como a natureza oferece os meios de vida, no sentido de que o trabalho não pode viver sem objetos nos quais se exerça, assim também oferece, por outro lado, os meios de vida no sentido mais estrito, isto é, o meio de subsistência física do trabalhador mesmo. Quanto mais, portanto, o trabalhador se apropria do mundo externo, da natureza sensível, por meio do seu trabalho, tanto mais ele se priva dos meios de vida segundo um duplo sentido: primeiro, que sempre mais o mundo exterior sensível deixa de ser um objeto pertencente ao seu trabalho, um meio de vida do seu trabalho; segundo, que [o mundo exterior sensível] cessa, cada vez mais, de ser meio de vida no sentido imediato, meio para a subsistência física do trabalhador. Segundo este duplo sentido, o trabalhador se torna, portanto, um servo do seu objeto. Primeiro, porque ele recebe um objeto do trabalho, isto é, recebe trabalho; e, segundo, porque recebe meios de subsistência. Portanto, para que possa existir, em primeiro lugar, como trabalhador e, em segundo, como su jeito físico. O auge desta servidão é que somente como trabalhador ele [pode] se manter como sujeito físico e apenas como sujeito físico ele é trabalhador (Marx, 2017a, p. 81)

Semelhantemente, a alienação com a própria atividade infere que na atividade humana o indivíduo não a tem como uma expressão e manifestação de suas potencialidades, mas um meio com o qual pode adquirir um objetivo diferente, alheio, generalizadamente através da venda. A atividade, portanto, é alheia, desinteressante, desefetivadora, etc. ao homem que a realiza. Neste aspecto, Marx pontua que

Examinamos o ato do estranhamento da atividade humana prática, o trabalho, sob dois aspectos. 1) A relação do trabalhador com o produto de trabalho como objeto estranho e poderoso sobre ele. Esta relação é ao mesmo tempo a relação com o mundo exterior sensível, com os objetos da natureza como um mundo alheio que se lhe defronta hostilmente. 2) A relação do trabalho com ato da produção no interior do trabalho. Esta relação é a relação do trabalhador com a sua própria atividade como uma (atividade) estranha não pertencente a ele, a atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração. A energia espiritual e física própria do trabalhador, a sua vida pessoal - pois o que é vida senão atividade - como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele. O estranhamento-de-si (Selbstentfremdung), tal qual acima o estranhamento da coisa (Marx, 2017a, p. 83)

O aspecto da alienação ao gênero se vincula aos anteriores no tocante que o objeto e a atividade são a *objetivação* do caráter genérico dos homens; ou seja, são resultados de uma objetivação que somente é possível enquanto atuação de um indivíduo que é síntese de

elementos individuais e genéricos. Através da alienação estes se tornam meios para o fortalecimento daqueles, visto que

na medida em que o trabalho estranhado 1) estranha do homem a natureza, 2) [e o homem] de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital; ela estranha do homem o gênero [humano]. Faz-lhe da vida genérica apenas um meio da vida individual. Primeiro, estranha a vida genérica, assim como a vida individual. Segundo, faz da última em sua abstração um fim da primeira, igualmente em sua forma abstrata e estranhada. Pois primeiramente o trabalho, a atividade vital, a vida produtiva mesma aparece ao homem apenas como um meio para a satisfação de uma carência, a necessidade de manutenção da existência física. A vida produtiva é, porém, a vida genérica. É a vida engendradora de vida. No modo (Art) da atividade vital encontra-se o caráter inteiro de uma species, seu caráter genérico, e a atividade consciente livre é o caráter genérico do homem. A vida mesma aparece só como meio de vida. (Marx, 2017a, p. 84)

Assim se torna de fácil compreensão o quarto aspecto, pois ele representará a alienação do homem pelo homem, a confrontação de um homem pelo *outro*, que na sociedade capitalista assume o aspecto mais intensificado da concorrência, disputa, etc. Ou seja,

uma consequência imediata disto, de o homem estar estranhado do produto do seu trabalho, de sua atividade vital e de seu ser genérico é o estranhamento do homem pelo [próprio] homem. Quando o homem está frente a si mesmo, defronta-se com ele o outro homem. O que é produto da relação do homem com o seu trabalho, produto de seu trabalho e consigo mesmo, vale como relação do homem com outro homem, como o trabalho e o objeto do trabalho de outro homem (Marx, 2017a, p. 85)

Quando consideramos os exemplos de Fanon, este coloca que “o homem é movimento em direção ao mundo e ao seu semelhante” (2008, p. 53) – caberá, assim, investigar o que faz o movimento de “inferioridade [ser] historicamente sentida como uma inferioridade econômica” (Fanon, 2008, p. 54), concatenando elementos psicológicos e relativos às outras ciências na alienação psíquica do negro (Fanon, 2008, p. 58) e que torna o “preto, escravo de sua inferioridade, o branco, escravo de sua superioridade” (idem, p. 66). Vê-se que há um reconhecimento do caráter genérico do homem, expressos em sua atividade e objeto. Para além disso, encontra-se o aspecto da alienação com o gênero humano e com os demais homens quando é pautado que “o racismo colonial não difere dos outros racismos. O anti-semitismo me atinge em plena carne, eu me emociono, esta contestação aterrorizante me debilita, *negam-me* a possibilidade de ser homem” (idem, p. 87, grifos meus).

Jaeggi tenta trazer uma abordagem que examina outros elementos do processo de formação da individualidade e constituição de um campo relacional entre os indivíduos. Tomando seu caso do jovem acadêmico, percebemos que autora visa montar um tipo exemplar de caso que vai se complexificando conforme são adicionadas novas questões. Passando de um indivíduo que pratica suas ações com base em seu interesse a alguém que as realiza sem completa noção de seus impactos ou então “incapable of understanding or regarding it as something he can or must *lead*” (Jaeggi, 2014, p. 57). A autora resume na formulação de que

“he does nothing contrary to his will, but instead fails to develop a will at all” (idem, p. 58). O que o desenvolvimento proposto por Jaeggi tenta mostrar é que “not everything that is not at our command makes our life alien to us in the sense under discussion here” (idem, p. 62). Neste mesmo sentido, a autora busca retomar uma passagem crítica de Plessner a Marx, que considera

it is characteristic of human action to bring forth products that slip from its control and turn against it. This emancipatory power of our deeds (...) should not be understood as frustrating the realization of our intentions. On the contrary, it makes the realization of our intentions possible and develops its effects, unforeseen by intention, only on the basis of the realized product (ibidem)

Será, pois, necessário trabalhar com os exemplos de Jaeggi sob uma dupla via – enquanto hipóteses, estão circunstanciados a um campo de arbitrariedade da própria autora, que pode definir tanto elementos como a ordem de suas aparições e, com isto, impactar intencionalmente a construção deste exemplo apresentado. Por outro lado, ainda é capaz de levantar questionamentos importantes que auxiliarão tanto para ampliar o domínio de atuação da análise sobre a alienação quanto avaliar a adequabilidade desta categoria quando nos moldes trazidos por Marx. Assim, este e os demais exemplos de Jaeggi serão tidos como casos que poderão indicar correções ou alinhamentos da base marxista da teoria da alienação e também da compreensão da própria autora sobre como se desenvolve esta teoria, visto que o comentário crítico anterior em nada refuta ou critica o pensamento marxista.

Para que esta análise possa avançar, o debate acerca dos *papeis sociais* será fundamental, visto que com eles Jaeggi objetiva apresentar um elemento central de sua concepção de alienação, que repousa na ideia do *reconhecimento*. Compreender como se dispõem e movimentam estes papeis e a importância do reconhecimento é um dos primeiros passos para a concretização do arcabouço apresentado. A partir disto, será possível desenvolver sobre suas viabilidades enquanto categorias de análise e se a questão é sobre o *reconhecimento* dos e nos papeis ou se estes próprios deverão ser questionados. Obviamente que, para estes questionamentos, os quatro vetores da alienação anteriormente citados serão de extrema valia, pois permitirão averiguar, por um lado, a abrangência destes vetores analíticos, por outro, a emergência deles nas construções dos exemplos e papeis sociais.

Pudemos adiantar algumas preocupações acerca do debate da alienação. Esta verificação proposta intenta apresentar os processos mais gerais do desenvolvimento da alienação como uma *relação* que é efetivada pelos indivíduos, mas que os *desejetiva*. Como dito, a alienação pode ser entendida como uma *experiência social negativa* (aqui se é possível de retomar, ainda, o pensamento de Renault em *Souffrances sociales* a respeito do tema) e tem, por isto, uma semelhança a ser analisada com a *pobreza*. Para além deste conceito que as unifica, é evidente

a possibilidade de uma engendrar o desenvolvimento da outra, impulsionando e diversificando suas manifestações e, justamente por isso, o combate à primeira implica e direciona um combate à segunda. Se se parte da compreensão de que o “trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão” (Marx, 2017a, p. 80) e esta se lhe defronta como um poder hostil, então a atividade alienada é, também, a produção da riqueza e da miséria sociais. Por outro lado, a riqueza socialmente produzida e individualmente apropriada e a miséria como falta de acesso, perda significam a exteriorização de atuações limitantes ao desenvolvimento *humano*, ainda que em maior intensidade para aqueles na miséria. É neste sentido que Marx pondera que “a supressão do estranhamento-de-si faz o mesmo caminho que o estranhamento-de-si” (idem, p. 103), pois a oposição tomada em consideração (quando se reporta ao movimento interno da oposição *propriedade e sem propriedade*) é aquela entre o trabalho e o capital. Assim, riqueza e pobreza são tomadas de tal forma que expressam momentos da reprodução social, para cuja “essência subjetiva da propriedade privada enquanto exclusão da propriedade, e o capital, o trabalho objetivo enquanto exclusão do trabalho, são a *propriedade privada* enquanto sua relação desenvolvida da contradição” (ibidem).

Na constituição das subjetividades, “o lugar da *riqueza* e da *miséria* nacional-econômicas é ocupado pelo *homem rico* e pela necessidade *humana* rica. O *homem rico* é simultaneamente o *homem carente* de uma totalidade da manifestação humana da vida” (Marx, 2017a, p. 112). Em contrapartida, ao miserável, esta carência se demonstra não somente em relação às manifestações humanas da vida, mas também das próprias manifestações desumanas que garantem sua sobrevivência. O homem pobre é, portanto, carente cuja carência se efetiva pela *ausência, falta*, do socialmente produzido nos mais variados níveis. O homem rico é carente cuja carência se mostra potencialmente realizável através do acesso pela propriedade, particularmente o dinheiro. Apesar de com os dois se instaurar um jogo de ausência-necessidade, o rico pode supri-la pelo controle da propriedade; mas ambos se encontram ainda limitados pelo jugo desta propriedade, a tendo ou não. É assim que a indústria, a produção, se insere de forma que

o sentido que a produção tem no que diz respeito ao rico, mostra-se *manifestamente* no sentido que ela tem para o pobre; para [aquele de] cima sua exteriorização é sempre refinada, oculta, ambígua, aparência; para [aqueles de] baixo, é sempre grosseira, franca, sincera, essência (idem, p. 143)

Refinando as necessidades e carências de uns e embrutecendo a de outros, a indústria reforça a padronização de objetivações/exteriorizações e, portanto, a divisão do trabalho, o trabalho alienado, a propriedade, possuem envolvimento na formação das capacidades, personalidades

e habilidades dos indivíduos. Atuando desta forma, a indústria, incluindo e reproduzindo aquela contradição entre trabalho e capital, indica que esta é uma “relação enérgica que tende à solução” (idem, p. 103), visto que produz não somente a riqueza e a pobreza, mas os aspectos objetivo e subjetivo/ativo da atividade social.

Uma *experiência social negativa*, portanto, se insere num amplo leque de experiências sociais cotidianamente produzidas e reproduzidas; mas cuja especificidade se encontra, como dito, na obstrução da atividade humanamente, genericamente, realizada. Assim, condiciona os quatro vetores de alienação ao ponto que mina o desenvolvimento humano concretamente possível. Em ambos os casos, *alienação* e *pobreza*, temos o caso da produção/atividade e o produto/resultado serem *alienados* do trabalhador. Desta forma, já se tem a concentração dos dois primeiros vetores mais claramente. Os demais – a alienação de si e do gênero humano – se especificam, por exemplo no caso da *pobreza*, quando na incapacitação total ou parcial do desenvolvimento das potencialidades do indivíduo, restringindo-o a um desenvolvimento pessoal e de personalidade vinculado ao *não ter*, à *necessidade* e *carência* impotentes. *Alienação* e *pobreza* formam um ciclo de retroalimentação pelo qual uma abre as possibilidades e intensifica a outra. Como um dos objetivos desta pesquisa é a análise se uma categoria é uma dimensão da outra, teremos em consideração a ponderação marxista já trazida de que “a supressão do estranhamento-de-si faz o mesmo caminho que o estranhamento-de-si”. Por isto, uma atividade alienada como a violência pode encerrar o ciclo de alienação ou pobreza. Tendo, portanto, a compreensão destes movimentos e o processo genético da *alienação* e *pobreza* nas considerações dos *Manuscritos*, poderemos responder a esta questão-objetivo da pesquisa.

Os demais escritos trazidos auxiliarão na investigação da relação entre a pobreza e alienação, assim como no estudo da influência que cada uma terá na formação individual e social no capitalismo. Assim, tendo a base contida nos MEF, Haber e Jaeggi fornecerão desenvolvimentos sobre estas categorias centrais da pesquisa, principalmente no tocante à pobreza, tema secundário nos *Manuscritos*. Haber, neste sentido, possui duas considerações que valerão como ponderações acerca da atualidade da categoria de *alienação* e sobre possíveis limitações:

ce qui ne va pas dans les Manuscrits, c'est donc surtout cette façon qu'a l'invocation d'une catégorie philosophique, d'ailleurs uniquement gagée sur l'observation de certains traits saillants du salariat moderne, de faire croire qu'elle pourrait constituer par elle-même le principe d'une explication crédible des phénomènes qui rendrait inutiles toute description et toute connaissance clinique approfondie (...) De ce point de vue, ce n'est pas seulement l'appareillage conceptuel bien plus sophistiqué du Capital qui marque un progrès, mais aussi les passages descriptifs, « ethnographiques » et « historiques » qu'il comporte, tous axés sur les conditions de vie dégradées des

travailleurs. Car Marx y libère enfin des espaces discursifs autonomes pour la prise en compte de la misère et de la privation comme thèmes de l'expérience vécue – des espaces où les faits (violence, maladie, mort) peuvent parler d'eux-mêmes. (Haber, 2006, p.70)

Les Manuscrits parisiens représentent une synthèse brillante de ces deux voies. Le modèle explicatif de l'aliénation du travail vivant réorchestre, bien évidemment, les acquis de la critique feuerbachienne de Hegel. De même, la façon évocatrice et pathétique dont Marx fait allusion à l'existence du prolétaire et aux conséquences concrètes de la misère développe bien une certaine inspiration « hölderlinienne ». Cependant, Marx n'opère qu'une exploitation ultrasélective de cette inspiration. Il est évident, par exemple, que l'investissement des affects de décalage et d'abandon pourrait recevoir un prolongement sociologique productif dans l'étude de figures comme celles de l'étranger, du paria, du minoritaire et pas seulement se spécialiser dans la critique de l'économie politique et des conditions de vie du prolétaire. Cette partialité n'a été corrigée que partiellement par l'École de Francfort, puis par de larges secteurs des sciences sociales critiques des années 1960- 1970, lorsque le modèle de l'aliénation s'est émancipé du contexte originel d'une philosophie de la misère ouvrière pour s'ouvrir, à la suite de différents relais, à la critique de la « société de consommation », des institutions autoritaires ou encore de l'industrie de la culture et des médias. (Haber, 2006, p. 59)

Será com estas e outras considerações que a *categoria* da alienação será investigada em conjunto com a *pobreza*. Como já dito, demais autores e correntes se apropriaram tanto da categoria quanto do trato realizado por Marx. Musto, assim, comenta sobre um “fascínio irresistível da teoria da alienação” e relaciona, mesmo que brevemente, considerações de Debord, Fromm, Baudrillard e da sociologia “mainstream” com a teoria desenvolvida nos *Manuscritos*, podendo encerrar dizendo que

foi a época da alienação tout court. Autores de diferentes origens políticas e acadêmicas propuseram diferentes causas para explicar o fenômeno: comercialização, superespecialização, anomia, burocratização, conformidade, consumismo, perda de significado gerado por novas tecnologias, incluindo isolamento pessoal, apatia, marginalização étnica ou social e contaminação ambiental (Musto, 2021)

Logo, se torna mais clara a fala de Haber que “misère et de la privation comme thèmes de l'expérience vécue – des espaces où les faits (violence, maladie, mort) peuvent parler d'eux-mêmes” (Haber, 2006, p. 70).

Para que o debate sobre a *pobreza* esteja mais detalhado, por óbvio seria necessária uma concretização do que se entende por pobreza e suas diversas manifestações sociais. Portanto, os conceitos de pobreza *absoluta* e *relativa* tomarão parte do debate para que se possa elencar a maneira como se estabelecem da na reprodução social e condicionamento das subjetividades. Apesar de Marx não se debruçar especificamente no tema, ainda resguarda momentos para tratar a pobreza e ainda especificamente a distinção aqui pautada. É o caso de quando pontua que “a pobreza *relativa* pode (...) aumentar enquanto a *absoluta* reduzir-se” (2017a, p.31). Consideração esta que somente fará sentido dentro do quadro teórico dos *Manuscritos* quando se retoma a questão levantada por Marx sobre “que significado tem, no desenvolvimento da humanidade, esta redução da maior parte dela ao trabalho abstrato?” (idem, p. 30) e sua conexão

com o tempo livre e as possibilidades de desenvolvimento postas pela sociabilidade. Se “o trabalhador não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalho como mercadoria” (idem, p.80) e “ao trabalhador só é permitido ter tanto para que queira viver, e só é permitido querer viver para ter” (idem, p. 142), a falta de acesso se manifesta como uma redução do acesso a própria experiência da vida, mesmo que uma vida já alienada pelo domínio do ter sobre o ser. É neste sentido que Marx pode concluir nos MEF que “o trabalhador baixa à condição de mercadoria e à de mais miserável mercadoria, [pois] que a miséria põe-se em relação inversa à potência e à grandeza da sua produção” (idem, p. 79); ou seja “tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, e tanto menos pertence a si próprio” (idem, p. 81). Esta conexão entre a produção e a privação, tida nesta tensão, revela o potencial da teoria marxista dos *Manuscritos* – o acesso ao mundo das mercadorias, em maior ou menor grau, a produção destas (incluída a força de trabalho) e do trabalhador pela atividade alienada e a formação das subjetividades mediadas pelo processo alienante são tópicos de extrema valia para um estudo sobre este escrito.

Como colocado, nesta pesquisa trataremos a constituição dos *Manuscritos* enquanto um *sistema in status nascendi* cuja ideia sintetizadora se consolida na categoria da alienação/trabalho alienado. Ou seja, Marx enxerga o processo de trabalho como *perda* do objeto concomitantemente com a perda ou afastamento do sentido social do trabalho ou atividade, a alienação do processo e realização da atividade, da realidade natural e social e dos demais indivíduos. Com isto, esta *experiência social negativa* com a qual trabalharemos deverá ser comparada com a pobreza para que se tenha uma noção se se tratam do mesmo fenômeno (se são pensados nos mesmos termos) ou se são faces de um processo unitário, mas com momentos diferentes (e em que consistem estas diferenças). Para que isto seja possível, a retomada do caminho do “estranhamento-de-si” e sua suprassunção permitirão com que possamos verificar que a *desejetivação* promovida pela atividade alienada é a *efetivação* de determinadas características (como da individualidade mônada em detrimento de uma individualidade “social” – em outros termos, da *Partikularität* em detrimento da *Besonderheit*). Os exemplos de Jaeggi e Fanon inseridos neste ponto auxiliarão a visualizar como ocorrem estes processos formativos; e, por outro lado, o trabalho de Mészáros sobre a possibilidade da formação de uma consciência sobre a alienação e contrária a ela dentro do próprio processo alienante permitirá a discutir justamente as tendências regressivas da modernidade (Haber) e suas contrapartes progressivas. É desta maneira que se tornará claro que, como *experiências sociais negativas*, só podem sê-lo na medida que são formas de desumanidades socialmente postas.

## Objetivo geral

O objetivo principal é articular pobreza e alienação, a partir dos *Manuscritos econômicos filosóficos* de Marx, com a intenção de responder a seguinte questão que é subsidiária da questão central que orienta esse eixo da pesquisa: A alienação, considerada a partir da noção de perda, pode ser concebida como uma dimensão da pobreza? Se sim, em quais sentidos? Se não, em quais sentidos?

## Objetivos específicos

A) Analisar os contornos da noção de alienação nos *Manuscritos* com ênfase nos seguintes textos:

A1) “Trabalho alienado e propriedade privada”;

A2) “Propriedade privada e comunismo”

A3) “Crítica da dialética e da filosofia hegelianas em geral”

B) Analisar os contornos da pobreza nos *Manuscritos* a partir dos seguintes trechos: “o trabalhador se torna tanto *mais pobre (so ärmer)* quanto mais riqueza produz [...]” (Marx, 2017a, p. 80. Grifo meu); o “salário habitual [é aquele que é] compatível com a *simples humanidade*, isto é, com uma *existência animal*” (Marx, 2017a, p. 24. grifo meu); o “homem [é reduzido] a uma *atividade abstrata* e a uma *barriga*” (Marx, 2017a, p. 26. grifo meu); “uma vez que a situação mais rica da sociedade conduz ao sofrimento da maioria (*Leiden der Mehrzahl*), e que a economia nacional conduz [...] a esta situação mais rica [...] a *infelicidade* da sociedade (*Unglück der Gesellschaft*) é a finalidade da economia nacional” (Marx, 2017a, p. 28).

C) Análise de autores de diferentes tradições teóricas que, nos últimos cinquenta anos, pensaram a alienação tendo Marx como um dos seus pontos de partida:

C1) Rahel Jaeggi *Alienation* (2014), em particular o Cap. III “Alienation as a disturbed appropriation of self and world”;

C2) Análise da obra de Stephane Haber *L’alienation* (2007), em particular o Cap. III “Au-delà de la réification. Vers une réactivation de la problématique de l’aliénation subjective”



C3) Análise da obra de I. Mészáros *A teoria da alienação em Marx* (2016), em particular a Parte I: “Origens e Estrutura da Teoria Marxiana” - “III. Estrutura Conceitual da Teoria da Alienação de Marx”; “1. Fundamentos do sistema Marxiano”; Parte II: “Aspectos da Alienação” e Parte III: “Significado Contemporâneo da Teoria da Alienação de Marx” - “IX. Indivíduo e Sociedade” - “1. Desenvolvimento Capitalista e o culto ao indivíduo”

C4) Análise das obras de Fanon *Pele negra, máscaras brancas*, em particular os capítulos “A experiência vivida do negro” e “O preto e o reconhecimento”; e *Alienação e liberdade* (2020), em particular os capítulos “[2] Dimensões sociais do sofrimento psíquico” e “[3] Curso de psicopatologia social e outros textos

D) Responder a questão que orienta esse plano de atividade, a saber: a partir dos *Manuscritos econômicos filosóficos* de Marx, a alienação, considerada a partir da noção de perda, pode ser concebida como uma dimensão da pobreza? Se sim, em quais sentidos? Se não, em quais sentidos?

## **Cronograma**

Cada objetivo específico pretende ser realizado em 6 meses de trabalho totalizando 24 meses para conclusão desse plano de atividades.

## **Bibliografia inicial**

HABER, Stéphane. HABER, Stéphane. “Que faut-il reprocher aux manuscrits de 1844?”. In: *Actuel Marx*. Paris. 2006. n° 39. p. 55-70.

\_\_\_\_\_. *L'Aliénation: vie sociale et expérience de la dépossession*. Paris: PUF, 2007.

JAEGGI, Rahel. *Alienation*. Translated by Frederick Neuhouser and Alan E. Smith. New York. Columbia University Press, 2014

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo. 2017a.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 2017b.

## **Bibliografia complementar**

BRAGA, Henrique Pereira. Notas sobre a relação entre estranhamento e capital: uma análise dos Manuscritos Econômico-Filosóficos e do Grundrisse. Marx e o marxismo v.6 n.10 jan/jun 2018

FANON, F. Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos. São Paulo: UBU, 2020

\_\_\_\_\_. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008

FIGUEIRÓ, Lucas Woltmann. Na pista de Frantz Fanon: notas sobre alienação e racismo. Revista Ciências Humanas – UNITAU. Taubaté/SP - Brasil, v. 13, n 3, edição 28, p. 87 - 101, Setembro/Dezembro 2020

HABER, Stéphane. “L’aliénation comme dépossession des besoins vitaux”. Entretien avec Stéphane Haber. In: MOUVEMENTS N°54 juin-août. 2008

KONDER, Leandro. Marxismo e alienação: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação. Editora: Expressão Popular. São Paulo. 2009

MANDEL, Ernest. A formação do pensamento econômico de Marx - de 1843 até a redação de O Capital. Trad. Carlos Henrique de Escobar. Rio de Janeiro: Zahar. 1968

MÉSZÁROS, Istvan. A teoria da alienação em Marx. São Paulo: Boitempo, 2016

MUSTO, Marcello. O fascínio da teoria da alienação. Publicado em <https://marcellomusto.org> 2021. In: <https://marcellomusto.org/o-fascinio-da-teoria-da-alienacao/> Acesso em 08/11/2023 às 22h13

\_\_\_\_\_. “Os Manuscritos econômicos-filosóficos de 1844 de Karl Marx: dificuldades para publicação e interpretações críticas”. Trad. por Margareth Nunes. Caderno CrH, Salvador, v. 32, n. 86, p. 399-418, Maio/Ago. 2019

RENAULT, Emmanuel. (Org.). Lire les Manuscrits de 1844. Paris: PUF. 2008.

\_\_\_\_\_. Souffrances sociales. Paris: La Découverte, 2008

SILVA, Hélio Alexandre da. Alienação como dimensão constitutiva da pobreza. In: APRENDER – Cad. de Filosofia e Psic. da Educação Vitória da Conquista Ano X n. 16, vol.2 p. 125-142 jul./dez.2016

TELES, Jaime França. “Forças essenciais” nos Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844 de Karl Marx. Belo Horizonte: FAFICH – UFMG, 2002